



Judaísmo

Para
leigos

Tradução da 2ª Edição

**Rabino Ted Falcon
e David Blatner**



ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2022

Sumário Resumido

Introdução	1
Parte 1: Em que os Judeus Acreditam	9
CAPÍTULO 1: Engraçado, Você Não Parece Judeu: Quem É Judeu e por quê	11
CAPÍTULO 2: É Tudo Um: Judaísmo e Deus	25
CAPÍTULO 3: Uma Torá Infinita: O Desdobrar de uma Tradição	37
CAPÍTULO 4: Um Caminho de Bênçãos: O Judaísmo como Prática Diária	49
CAPÍTULO 5: O Misticismo Judaico	73
CAPÍTULO 6: Desafios Éticos	93
Parte 2: Do Ventre ao Túmulo: O Ciclo da Vida	109
CAPÍTULO 7: No Princípio: Nascimento e Bris	111
CAPÍTULO 8: A Maioridade: Bar e Bat Mitzvá	121
CAPÍTULO 9: Leve-me à Chupá a Tempo: Casamentos	129
CAPÍTULO 10: Passando pelo Vale: A Sombra da Morte	141
Parte 3: Um Panorama da História Judaica	155
CAPÍTULO 11: Deixe Meu Povo Ir: De Abraão ao Êxodo	157
CAPÍTULO 12: Os Reis de Israel: O Primeiro Templo	171
CAPÍTULO 13: Unidos pelo Exílio: O Segundo Templo	179
CAPÍTULO 14: Os Exílios Continuam: O Primeiro Milênio	189
CAPÍTULO 15: O Maior Horror, o Maior Triunfo	201
CAPÍTULO 16: Judeus Budistas e Outros Desafios da Nova Era	219
CAPÍTULO 17: O Problema do Antissemitismo	229
Parte 4: Celebrações e Dias Sagrados	241
CAPÍTULO 18: Um Gostinho do Paraíso: Shabat	243
CAPÍTULO 19: Que Venha o Novo: Rosh Hashaná	261
CAPÍTULO 20: Ficando Sério: Yom Kipur	275
CAPÍTULO 21: O Grande Céu Aberto: Sucot	287
CAPÍTULO 22: Buscando a Luz em Tempos Escuros: Chanucá	297
CAPÍTULO 23: Celebrando a Renovação: Tu Bishvat	309
CAPÍTULO 24: O "Carnaval" Judaico: Purim	315
CAPÍTULO 25: Do Lamento ao Júbilo: Pessach	325
CAPÍTULO 26: O Esplendor da Natureza: Shavuot	351
CAPÍTULO 27: Um Dia de Luto: Tishá BeAv	363

Parte 5: A Parte dos Dez	367
CAPÍTULO 28: Dez Pessoas que Ajudaram a Moldar o Judaísmo	369
CAPÍTULO 29: Respostas a Dez Perguntas Comuns sobre o Judaísmo	377
Parte 6: Apêndices	391
APÊNDICE A: Oy Vey! e Outras Palavras que Você Precisa Saber	393
APÊNDICE B: Uma Amostra das Orações e Bênçãos Judaicas	405
APÊNDICE C: Agora Vá e Aprenda	415
Índice	421

Amostra

1

**Em que
os Judeus
Acreditam**

Mostra

NESTA PARTE...

Você descobrirá por que nunca pode saber ao certo se alguém é judeu (ou não) apenas pela aparência. Além disso, aprenderá a real sobre todos os detalhes quanto a *ser* judeu: o judaísmo é uma raça ou uma tribo? Uma religião ou uma prática? É preciso acreditar em Deus? E todas aquelas coisas de meditação e cabalá? Isso não é judaico, é?!

- » Entendendo a diferença entre judeus ashkenazim e sefaradim
- » Explorando as possibilidades, dos ortodoxos aos reformistas (e muito mais)
- » Jogando “adivinha quem é judeu?”

Capítulo **1**

Engraçado, Você Não Parece Judeu: Quem É Judeu e por quê

Costumávamos pensar que era possível dizer se alguém é judeu apenas pela aparência. Nós dois crescemos em épocas e lugares bem diferentes nos EUA, mas ambos desenvolvemos a mesma noção sobre o que significa ser judeu: estatura pequena (e um pouco acima do peso), nariz grande, cabelo escuro ondulado ou encaracolado, olhos escuros... não dá para explicar bem escrevendo — é mais um tipo de sentimento. “Ei, aquele cara é judeu?” “Ah, sim, sem dúvidas.” Você simplesmente sabe!

Então fomos a Israel. Levou cerca de cinco segundos para nós dois percebermos que o que considerávamos “judeu” era apenas um pequeno segmento de um panorama muito maior — como descobrir que o amor não se resume a beijar. Vimos judeus loiros, do Oriente Médio, asiáticos, negros, latinos, judeus que se pareciam com Arnold Schwarzenegger e com Britney Spears. Rapaz, tínhamos muito a aprender!

A Tribo Judaica

O judaísmo não é uma raça e nem mesmo uma cultura específica ou um grupo étnico. Há pouco mais de 15 milhões de judeus espalhados pelo mundo, incluindo cerca de 6 milhões nos EUA [aproximadamente 120 mil no Brasil] e mais ou menos 5 milhões em Israel — então, obviamente, o judaísmo não é “uma nação”. E, se você for parecido com a gente, conhece mais judeus que não acreditam em Deus ou não praticam as observâncias judaicas do que o contrário, então ser judeu não tem a ver necessariamente com religião.



LEMBRE-SE

Assim, o que *significa* ser judeu? Veja algumas coisas básicas:

- » **Ser judeu significa que você é membro de uma tribo milenar.** A tribo começou com um casal, Abraão e Sara, mais de 4 mil anos atrás, cresceu com o tempo e existe ainda hoje. Você pode se tornar uma parte autêntica da tribo judaica de duas formas: nascer de mãe judia ou juntar-se por meio de uma série de rituais (a *conversão*). Algumas pessoas acreditam que há também outras formas de se tornar um judeu; falaremos sobre essa questão posteriormente neste capítulo.
- » **O judaísmo é um conjunto de crenças, práticas e éticas baseadas na Torá (veja o Capítulo 3).** É possível praticar o judaísmo sem ser judeu, e você pode ser judeu e não praticar o judaísmo.

O que significa o nome?

A palavra “judeu” não aparece em lugar nenhum na Bíblia. Por exemplo, a turma que saiu da escravidão no Egito, no livro do Êxodo (veja o Capítulo 11), era chamada de “hebreus” ou “filhos de Israel”, e cada um pertencia a uma das doze tribos de Israel. Dez dessas doze tribos foram dispersadas pelos assírios no século VIII AEC. (veja o Capítulo 11), mas as tribos de Judá e de Benjamim (sendo essa a menor) permaneceram como o Reino do Sul, conhecido como Judeia, até o início do século VI AEC.



DICA

Quando a Judeia caiu perante os babilônios e o povo foi levado ao exílio, ficaram conhecidos como os juda-itas (*yehudim*), visto que eram o povo de Judá (*Yehudah*). Em hebraico, o nome *yehudim* ainda persiste e significa apenas “judeus”. A religião que praticavam foi posteriormente chamada de “Judá-ismo” — que se tornou “judaísmo”.

Judeus em toda parte

O povo judeu sempre teve a tendência de se espalhar por todo o mundo conhecido. Evidências indicam que, mesmo séculos antes de Jesus, comunidades judaicas habitavam o norte e a costa leste da África, a Europa e a Ásia. Estavam entre os primeiros povos que vieram da Europa para as Américas nos séculos XV e XVI. Algumas evidências sugerem que havia pelo menos um judeu a bordo do navio com Colombo. (Algumas pessoas suspeitam que o próprio Colombo era judeu, talvez porque os judeus foram expulsos da Espanha em 1492.)

Aonde quer que fossem, sua população crescia por meio de casamentos mistos e conversões, e — o mais importante — mantinham sua religião básica ao mesmo tempo em que adotavam a cultura e as normas da área local. É por isso que cerca de 20% dos judeus de descendência europeia têm olhos azuis e que alguns judeus são negros, hispanos ou asiáticos. Isso também explica por que um judeu de Nova York tem aparência e hábitos diferentes de um judeu de Mumbai, mas eles provavelmente conseguiriam, mesmo que desajeitadamente, acompanhar os serviços de Shabat um do outro (veja o Capítulo 18).

De igual modo, a comida, a música e o humor judaicos do Iraque e do Iêmen têm uma natureza muito mais árabe do que o sabor espanhol dos judeus brasileiros e argentinos, que é diferente da sopa borscht e da música klezmer dos judeus europeus. E todos eles falam hebraico com dialetos diferentes! Os judeus não se encaixam em qualquer conjunto consistente de estereótipos ou de expectativas.

Contudo, todos estão ligados inextricavelmente apenas por serem judeus. Talvez seja uma prática e crença comuns no judaísmo; talvez seja um senso comum da história, ou um senso compartilhado de ser um estranho quanto à cultura mais ampla. Ou, ainda, pode ser um sentimento profundo e inato de conexão com a tribo.

Quem decide se você é judeu?

Dois anos após o novo governo de Israel assumir o poder em 1948, ele aprovou a Lei do Retorno, que afirma que qualquer pessoa que tenha nascido de mãe judia ou qualquer pessoa que tenha se convertido ao judaísmo pode se mudar para Israel e solicitar a cidadania. Isso reacendeu imediatamente uma controvérsia que teve início muito antes e que continua até hoje: quem pode dizer se alguém é ou não realmente judeu?

O fato de a pessoa praticar o judaísmo não interfere na cidadania, pois Israel foi fundado em sua maioria por judeus seculares. Mas e aquelas pessoas que nasceram judias e foram criadas como cristãs ou muçulmanas, ou que praticaram outras religiões? Alguns dizem que você precisa não apenas se identificar como judeu, mas também não praticar nenhuma outra

religião. Outros dizem que a religião não tem nada a ver com isso e destacam que os nazistas mataram milhares de pessoas que eram judias por nascimento, mas que praticavam alguma outra religião. Anualmente, as cortes israelenses consideram casos argumentando sobre o fato de alguém ser ou não judeu.



CONTROVÉRSIA

E os convertidos? Tecnicamente, alguém que se converte ao judaísmo não é diferente de alguém nascido judeu. No entanto, nem todos entendem dessa forma. Na seção a seguir, analisaremos as diversas denominações do judaísmo, incluindo os ortodoxos, que se recusam a reconhecer a conversão, de qualquer pessoa, que tenha sido realizada por um rabino reformista ou conservador.

Muitas pessoas dizem “Sou metade judeu” (se um dos pais é judeu) ou “Sou um quarto judeu” (se um dos avós é judeu). Os judeus tradicionais argumentam que você é ou não judeu. Para eles, se a mãe de sua mãe era judia, então sua mãe é judia, e, se sua mãe é judia, você é judeu. Entre os judeus reconstrucionistas e os reformistas americanos, se apenas seu pai é judeu e você foi criado como judeu, então é considerado judeu também¹.

É um mundo pequeno, afinal

Há tempos os judeus vêm se espalhando pelos quatro cantos do mundo, assim, comunidades significativas (com mais de 100 mil pessoas) vivem na França, Austrália, Argentina e África do Sul. Nos EUA, a maioria das pessoas pensa que todos os judeus vivem nas cidades grandes, como Nova York (onde há mais de 1,5 milhão de judeus). Mas muitos também vivem nos estados do “Velho Oeste”, como Wyoming, nos estados bem ao Sul, como Louisiana, e em todos os lugares entre esses pontos.

De fato, a maioria do povo judeu vive fora de Israel, não apenas atualmente, mas tem sido assim há mais de 2,5 mil anos. E não importa onde vivam, a maioria se identifica com um destes dois grupos: ashkenazi e sefaradi [ou asquenazitas e sefaraditas].

Ashkenazi

Os descendentes de judeus que, até por volta de 1900, viviam em algum ponto entre o Noroeste Europeu (como França e Alemanha) e o Leste Europeu (incluindo Rússia, Ucrânia e Lituânia) são chamados de *ashkenazi* (pronuncia-se “ash-ke-ná-zi”; *ashkenazim* é o plural). A maioria de judeus no mundo é ashkenazi.

¹ No Brasil, é preciso passar por um processo de conversão, mas essa questão é controversa. Na dúvida, consulte um rabino local. [N. da T.]

NEGRO E JUDEU

Na maioria das sinagogas do mundo, é raro ver um afrodescendente. Claro, há os ocasionais convertidos, como Sammy Davis Jr., mas, em geral, os judeus tendem a ser brancos (da Europa) ou morenos (do Oriente Médio). No entanto, há mais de 100 mil judeus negros ao redor do mundo, incluindo muitos da Etiópia, que foram transportados para Israel no final dos anos 1970 e início dos 1980. Os judeus etíopes, que foram em grande parte cortados do resto do mundo judeu há milênios, praticavam uma forma de judaísmo que não mudou desde os tempos pré-talmúdicos. Perceba que, embora essas pessoas sejam às vezes chamadas de “falashas”, esse nome se tornou pejorativo de algum modo, e “judeus etíopes” ou “Beta Israel” (“Casa de Israel”) é preferível. Além disso, alguns afrodescendentes dos EUA se denominam judeus negros, hebreus ou israelitas. Muitos judeus negros são muito observantes dos antigos rituais e tradições, leem e escrevem hebraico e se identificam como judeus a vida toda.

Sefaradi

Os descendentes de judeus que viviam na Espanha até por volta do século XV são chamados de *sefaradi* (se-fa-ra-di, *sefaradim* no plural). Após a expulsão (veja o Capítulo 14), esses judeus viajaram à África do Norte, à Itália, ao Império Otomano (Turquia) e de volta ao Oriente Médio. É claro, muitos começaram nessas áreas (sendo que nunca foram até a Espanha, para começar), mas são geralmente chamados sefaradim assim mesmo. Você também ouvirá sobre os judeus do Oriente Médio chamados *mizrahim* [*mizrahi*, no singular] — que significa “do Leste” ou “Oriental”; lembre-se de que aqui o som do “h” é gutural.

Nos últimos quinhentos anos, os sefaradim interagiam basicamente com os muçulmanos, especialmente com os africanos e árabes. Hoje, muito de sua cultura (música, linguagem, melodias litúrgicas, comida, costumes nos festivais, e assim por diante) é baseada naquelas culturas. Os ashkenazim, por outro lado, interagiam principalmente com as culturas cristãs europeias, resultando em um sentimento étnico muito diferente.

Embora Israel tenha sido fundado principalmente por judeus ashkenazim, mais da metade dos israelenses sempre foi sefaradim. No entanto, as culturas muito diferentes causaram diversas dificuldades. Muitos ashkenazim não confiam nos sefaradim e acham que eles “arruinaram” Israel, e vice-versa. Felizmente, com o passar do tempo, parece que as coisas estão melhorando.

Principais Galhos da Árvore

Ao dizermos que o judaísmo é um conjunto de crenças e práticas, estamos passando por cima de uma questão-chave: ele engloba muitos conjuntos diferentes de crenças e práticas! De certa forma, podemos vê-lo como uma árvore com muitos galhos; há um tronco e um sistema de raízes em comum, mas cada seita ou denominação vai para o próprio galho, e, em muitos casos, cada sinagoga está no próprio graveto.

A maioria dos judeus entende que os principais galhos da árvore são os ortodoxos, os conservadores, os reformistas e os não religiosos — e talvez acrescentem alguns outros, como os ultraortodoxos, os ortodoxos modernos, os reconstrucionistas, os da renovação e os humanistas. Por outro lado, alguns ortodoxos tradicionais entendem de forma diferente: para eles, a ortodoxia é a árvore toda, e o que os demais estão fazendo é outra coisa — talvez uma outra árvore inteira, mas certamente não estão praticando o judaísmo.

A diferença básica entre os grupos é que, enquanto os ortodoxos acreditam que a Torá (tanto a escrita como a oral; veja o Capítulo 3) foi dada por Deus a Moisés, palavra por palavra, os judeus mais liberais tendem a acreditar que a Torá e a *halachá* (a lei judaica) podem ter sido divinamente inspiradas, mas foram expressas por pessoas influenciadas por seu próprio tempo e lugar.

Judeus ortodoxos

Quando ouve o termo “judeu ortodoxo”, provavelmente você pensa em um homem vestindo um longo casaco preto, com cachos compridos de cabelo por cima das costeletas, uma barba enorme e com chapéu preto. Mas, na realidade, há dezenas de estilos distintos dentro da ortodoxia judaica, cada um com diferentes culturas, filosofias educacionais, modelos de liderança e conjunto de políticas. Verdade, muitos deles de fato usam chapéus e casacos pretos, mas muitos outros — normalmente chamados de ortodoxos modernos — quase sempre vestem roupas modernas, e talvez você nem os consiga diferenciar dos não judeus.

Contudo, todos os judeus ortodoxos tecnicamente aceitam a Torá como a palavra de Deus. Assim, embora veja uma diferença cultural gigantesca entre o ortodoxo que veste um *shtrimmel* (o chapéu preto felpudo usado por alguns ultraortodoxos) e o ortodoxo que veste jeans e camiseta, a maioria das pessoas acharia extremamente difícil discernir qualquer diferença entre suas crenças e observâncias religiosas.

Os judeus liberais começaram a chamar os mais observantes de “ortodoxos” (o que significa literalmente “crença correta” ou “doutrina apropriada”) no final do século XIX como um termo pejorativo, de certa forma.

Mas para os ortodoxos, não há o espectro de “mais ou menos ortodoxo”, então o termo realmente não significava nada para eles. Não obstante, a expressão pegou.

No entanto, a maioria das pessoas faz distinção entre os judeus “ortodoxos modernos” (que se engajam em muitos aspectos da cultura moderna e secular) e os “ultraortodoxos” (às vezes chamados *haredi* ou “chapéus pretos”, que tendem a se isolar da cultura moderna). Porém, sempre há exceções! O Chabad (que analisamos no Apêndice A) fica em algum ponto entre esses dois.

Todas aquelas roupas pretas

Sabemos que você está morrendo de vontade de perguntar: “Por que alguns judeus ortodoxos usam todas aquelas roupas pretas?” A resposta simples é que estão de luto pela destruição do Segundo Templo, ocorrida há mais de 1.900 anos. No entanto, isso não explica *o que* eles vestem. Embora algumas comunidades ortodoxas “do chapéu preto” (como a Chabad Lubavitch e a Mitnagdim; veja “Hassidim e Mitnagdim”, mais adiante neste capítulo) usem algo como ternos pretos modernos, outras — especialmente a hassídica ultraortodoxa — tentam conscientemente resistir às influências modernas. Seus longos casacos pretos, chapéus pretos, meias brancas e calçados à moda antiga são uma forma de se agarrar à antiga cultura do Leste Europeu do século XVIII. As mulheres tradicionais não têm o mesmo código de vestimenta, mas tendem a usar roupas mais modestas (veja o Capítulo 4).

Os ultraortodoxos se diferenciam de outras maneiras também. Muitos minimizam o contato com o “mundo externo”, então geralmente não têm TVs em casa, sintonizam os rádios em programas religiosos, não vão ao cinema, e pelo menos um grupo determinou que seus membros não devem usar a internet ou usá-la de maneira restrita.

Para muitas pessoas, tais restrições parecem extremas. Por outro lado, pense nisso da seguinte maneira: a quanta pornografia você quer que sua família esteja exposta? Para alguns, muito do mundo secular é bastante pornográfico e ofensivo, e se perguntam “Por que me deixar ser tentado por isso?”.

Grupos diferentes, interpretações distintas

Mesmo em uma comunidade judaica relativamente pequena com poucos ortodoxos, podemos encontrar diversas sinagogas ortodoxas. Dois motivos explicam isso: primeiro, os ortodoxos precisam conseguir caminhar até a sinagoga no Shabat (veja o Capítulo 18); segundo, cada congregação ortodoxa tem as próprias culturas, ideias, interpretações e estilos particulares.

Por exemplo, um rabino ortodoxo pode dizer que o mandamento bíblico para “Não aparareis as pontas da barba” significa não cortar os *cachos* (o cabelo que cresce para o lado da testa). Outro rabino diz: “Não, o mandamento significa que os homens não devem se barbear.” Um terceiro pode entrar na conversa com sua interpretação: “Você não pode se barbear com um instrumento que tenha uma lâmina de gume único, mas pode usar um barbeador com lâminas rotatórias.”

De modo semelhante, alguns grupos são sionistas convictos (apoiadores de um Estado judaico de Israel) e outros não acreditam que Israel deveria existir (porque o Messias ainda não veio). Alguns creem que seus filhos devem receber uma educação secular e religiosa, e outros dizem que apenas a religiosa é importante. Alguns se socializam com judeus não tradicionais ou visitam uma sinagoga não ortodoxa, enquanto outros se recusam a fazer isso.

Como explicaremos nos próximos dois capítulos, não há uma autoridade final no judaísmo, então cada judeu deve decidir a quem e o que seguir.

Hassidim e Mitnagdim

Um “quem é quem” de todos os diferentes grupos ortodoxos e suas doutrinas encheria um livro pequeno por si só. No entanto, todos basicamente se enquadram em um destes dois tipos: *hassidim* e *mitnagdim* (também pronunciado “*misnagdim*” por muitos ashkenazim). Visto que a palavra “hassidim” (plural de “hassid”) é pronunciada com o som gutural “kh” (ou como apresentamos no início do livro, “ch”), como o “r” na palavra “rádio”, algumas pessoas a escrevem chassidim.

O hassidismo é um movimento fundado no século XVIII por Ba’al Shem Tov (veja o Capítulo 28), com ênfase na oração sincera, alegre e intensa — incluindo a dança extática, os cantos e a narrativa de histórias como uma forma de conexão com Deus. Logo após 1760, quando Baal Shem Tov faleceu, o hassidismo se fragmentou em diversos outros grupos, tais como Chabad Lubavitch, Belzer, Satmar e Breslov (todos ainda em existência).

O movimento surgiu na época em que o judaísmo tradicional se concentrava em uma abordagem ascética e acadêmica da Torá e do Talmud (veja o Capítulo 3). A maioria dos rabinos da época insistia que apenas o estudo culto, crítico e erudito era importante, em contraste à simples e sincera devoção do hassidismo. Elijah ben Solomon Zalman, conhecido como o Vilna Gaon, era a força motriz por trás daqueles judeus ascéticos, que passaram a ser conhecidos como *mitnagdim* (que literalmente significa “opositores”); ele chegou até a proibir as interações com os hassidim, temendo que sua adoração extática e a falta de foco intelectual fossem um perigo para o judaísmo.

Felizmente, no final do século XIX, a maior parte do antagonismo desapareceu, especialmente conforme os dois grupos formaram uma frente comum contra os reformadores religiosos e o antisemitismo. Desde então, os movimentos hassídico e mitnagid passaram a influenciar grandemente um ao outro. Porém, ainda há diferenças. Enquanto os mitnagdim tendem a focar o chefe de uma *yeshivah* (escola) específica, os hassidim tendem a focar seu *rebbe* (como chamam seus rabinos) específico, que atua quase da mesma forma que um guru o faz em algumas tradições orientais. Os mitnagdim tendem a basear seu estudo no Talmud e na halachá, e os hasidim tendem a estudar os escritos de seu *rebbe* (e do *rebbe* dele, e assim por diante, bem como outros textos tradicionais).

Denominações dissidentes

Como o judaísmo lida com o fato de que os tempos e as pessoas mudam? Os tradicionais tendem a evitar as mudanças ou — mais comumente — aplicar interpretações estabelecidas da Torá, do Talmud e da halachá pregressa a questões modernas. No entanto, no início do século XIX, muitos judeus começaram a repensar tal posição, argumentando que essas fontes nem eram realmente divinas, mas respostas muito humanas à inspiração divina. Se a Torá, o Talmud e a halachá são criações humanas, pensaram os reformadores, então devem ser inspecionados, julgados e compreendidos como tendo sido afetados por seu momento e lugar específicos de criação.



LEMBRE-SE

Aquela turma não estava dizendo que os textos tradicionais não têm significado; ainda estudavam a Torá, o Talmud e a halachá, mas insistiam que algumas passagens eram mais significativas para recortes de tempo específicos do que para outros, e que cada um é responsável por descobrir o que é relevante para seu próprio tempo.

Esses movimentos são geralmente agrupados sob o termo geral “judaísmo liberal”, embora haja um vasto espectro de crenças e observâncias entre os grupos. Os mais conhecidos são os reformistas, conservadores, reconstrucionistas, da renovação e humanistas. A maioria é dos EUA e — em um grau menor — da Europa. Existem também em Israel, onde estão gradualmente se tornando mais estabelecidos.

Reformistas

O judaísmo reformista (é reformista, não reformado!) — provavelmente o maior grupo judeu nos EUA — se baseia na ideia de que todos os judeus têm a responsabilidade de educar a si mesmos e tomar decisões sobre suas práticas espirituais com base na consciência, em vez de simplesmente usar uma lei externa. Nesse grupo, a Torá, o Talmud e a halachá são recursos necessários, mas os judeus reformistas tendem a dar ênfase nas ações sociais e éticas com base nos escritos dos profetas, e não na observância ritual da Torá, da halachá e do Talmud.

Infelizmente, muitos judeus hoje associam o movimento reformista — que fora da América do Norte é geralmente chamado de judaísmo progressista ou liberal — a adorações vazias e insignificantes, ou a congregações que querem reter o sentido de ser judeu sem realmente seguir qualquer prática além do Sêder de Pessach e dos serviços de sexta-feira à noite. Não negaremos que alguns grupos são assim, nem que o movimento reformista das décadas de 1950 e 1960 muitas vezes não tinha um senso de espiritualidade, mas o movimento reformista mudou radicalmente nas décadas recentes. Hoje, muitas congregações reformistas são profundamente comprometidas com uma percepção viva e envolvente do judaísmo e da espiritualidade judaica.

Os judeus reformistas tendem a retirar o que não consideram ser elementos essenciais do judaísmo, de modo a observar mais de perto a essência da tradição. Por exemplo, quando o movimento se iniciou no começo do século XIX, as sinagogas reformistas começaram a deixar os homens e as mulheres se sentarem juntos, praticamente deixaram de lado as leis dietéticas e encorajaram a música instrumental durante os serviços de Shabat. Os costumes vestuários — como kipot e xales de oração (talit/talitot) — foram desestimulados (embora hoje um número cada vez maior de reformistas os use).

Em 1972, o movimento reformista se tornou o primeiro a ordenar mulheres como rabinas. Embora esse movimento, que tem atualmente o crescimento mais rápido nos EUA, continue a inovar, começou também a abraçar práticas mais tradicionais, fato refletido na revisão feita em 1999 dos princípios básicos do judaísmo reformista.

Conservadores

O movimento do judaísmo conservador (geralmente chamado de judaísmo histórico na Europa, e de *masorti* em Israel) sempre nos lembra da fábula dos três ursos, em que Cachinhos Dourados diz: “Essa é mole demais, aquela é dura demais, mas esta é perfeita!” Desde o final do século XIX, muitos judeus começaram a sentir que o movimento reformista foi longe demais em sua rejeição da observância tradicional, mas também que as comunidades ortodoxas eram irrealistas nas restrições com relação à vida moderna.

Os judeus conservadores tendem a respeitar muitas leis judaicas, como a cashrut, a observação do Shabat e de outros feriados religiosos, e a realização de rezas diárias. Ao mesmo tempo, concordam com o movimento reformista de que a halachá tem base na história e que, portanto, precisa ser reconsiderada em cada era. Os rabinos conservadores determinaram que, quando um judeu mora longe demais da sinagoga, ele pode ir de carro (mas encorajaram a caminhada quando possível), e alguns vinhos e queijos considerados kosher pelos conservadores não foram aceitos pelos ortodoxos.

As sinagogas conservadoras às vezes são percebidas como inconsistentes quanto às questões legais judaicas. Algumas pessoas acusaram os conservadores de hipócritas, pois seus rabinos pareciam tender às práticas ortodoxas, enquanto a congregação tendia às práticas reformistas. Mas sabemos de congregações conservadoras que são basicamente indistinguíveis dos grupos ortodoxos modernos, então não dá para dizer sem ir lá, sentar-se e ver por si mesmo.

O judaísmo conservador floresceu durante o século XX e foi, por um longo tempo, o maior grupo judaico nos EUA. No entanto, alguns relatórios indicam que seu tamanho vem diminuindo em anos recentes, conforme muitos judeus conservadores se sentem cada vez mais atraídos pelas congregações reformistas, de renovação ou ortodoxas. (As pessoas que ficaram ofendidas quando o movimento conservador começou a ordenar rabinas em 1985 foram especialmente atraídas à comunidade ortodoxa.)

Reconstrucionistas

Quando o filósofo judeu do século XVIII, Baruch Spinoza, anunciou que Deus não era um ser separado, mas a própria natureza, a comunidade judaica ficou tão enfurecida, que o excomungaram, declarando que nenhum outro judeu poderia sequer conversar com ele, muito menos ler seus escritos. Pulemos trezentos anos para a frente e encontraremos o teólogo do século XX, Mordecai Kaplan, levando as teorias de Spinoza ainda mais além. O resultado? Um grupo de rabinos ortodoxos o excomungou e queimou o livro de orações que ele publicara.

Hoje, ninguém se lembra do nome daqueles rabinos queimadores de livros, mas qualquer aluno de filosofia no mundo lê Spinoza, e Kaplan é o fundador do quarto maior movimento judaico: o reconstrucionista.

Kaplan era um rabino conservador, e durante sua longa permanência no seminário rabínico conservador, começou a ensinar que Deus não era um Ser, mas a força subjacente natural, moral e criativa do Universo, a força que cria a ordem e proporciona a felicidade humana. Ele ensinou também que cada geração de judeus tem a obrigação de manter o judaísmo vivo ao “reconstruí-lo” — não pela eliminação de práticas e palavras, como no movimento reformista, mas em sua reinterpretação, de modo a encontrar novos significados que sejam relevantes para a época.

O reconstrucionismo, como um movimento separado, desenvolveu-se no final da década de 1920, mas não estabeleceu uma escola rabínica até 1968. Hoje, o movimento conta com cerca de cem congregações. Elas tendem a ver o rabino como um facilitador e um recurso valioso, mas não necessariamente como o líder; também encorajam muito a participação leiga e a reconstrução criativa tanto do ritual como da adoração.

Renovação

O judaísmo renovado surgiu das filosofias de Martin Buber e Abraham Heschel (veja o Capítulo 28), bem como dos ensinamentos “neo-hassídicos” do Reb Shlomo Carlebach e do Reb Zalman Schachter-Shalomi. Ele ensina que as pessoas podem obter sabedoria a partir de uma variedade de fontes, incluindo o hassidismo, a cabalá, o feminismo, os profetas, o ambientalismo e os escritos de rabinos antigos.

A renovação se concentra em uma abordagem acolhedora, igualitária e prática da adoração e comunidade judaicas. Ela encoraja a mistura de ideais tradicionais e feministas. Além disso, as congregações renovadas abraçaram lições de diversas tradições espirituais, como a filosofia oriental e as práticas meditativas tanto do Oriente quanto judaicas. Os programas de renovação apoiam uma ecologia espiritual, relacionando práticas judaicas com ações políticas e ecológicas.

As quarenta ou cinquenta congregações do judaísmo renovado e as *chavurot* (grupos de amizade) ao redor do mundo (a maioria nos EUA) variam grandemente em suas observâncias da liturgia e do ritual tradicionais. De fato, o grupo define a si mesmo como “transdenominacional”, convidando judeus de todos os aspectos da comunidade judaica maior para se reconectar, aprender e celebrar juntos.

JUDEUS MESSIÂNICOS

Apesar do fato histórico de que praticamente todos os primeiros cristãos, como o próprio Jesus, eram judeus, hoje o judaísmo é completamente incompatível com uma crença em Jesus como o Messias (veja o Capítulo 29). No entanto, uma minoria minúscula de judeus e não judeus que observam as tradições judaicas — como usar kipot e xales de oração [*talit/talitot*], recitar o Shemá e celebrar as festas — acredita que Jesus é o *Mashiach* (Messias) judaico.

As pessoas que acreditam na observância judaica e que Jesus traz a redenção são chamadas de judeus messiânicos. (Alguns os chamam de “Judeus por Jesus”, mas esse é apenas o nome de sua maior organização ministerial, não da denominação em si.) Alguns deles vão a sinagogas messiânicas, outros, à igreja, a maioria chama Jesus de “Yeshua”, e, como outros cristãos, estão esperando o retorno de Jesus.

Os grupos judaicos e os rabinos quase que universalmente condenam o judaísmo messiânico (às vezes chamado de *judaísmo nazareno*) como sendo um movimento cristão ou até mesmo uma seita, insistindo que o movimento é uma abominação e uma ameaça ao judaísmo. Muitos cristãos consideram o judaísmo messiânico confuso e não cristão; assim, as crenças do grupo o deixam entre a cruz e a espada.

Judaísmo humanista

O que fazer se você sente que é judeu — gosta dos feriados, da comida, música, do senso de ética e envolvimento social, do humor etc. —, mas não curte a ideia de Deus? Certamente, não está sozinho. O movimento humanista, também chamado de judaísmo humanista secular, foi criado em 1963 pelo rabino Sherwin Wine e se baseia nos ideais humanistas do pensamento crítico e racional, assim como no desenvolvimento das profundidades e dimensões individuais e comunitárias.

Os judeus humanistas se concentram na cultura e civilização judaicas, celebrando seu legado como uma maneira de encontrar significado na vida e minimizando o papel de Deus ou de quaisquer forças cósmicas. Na verdade, eles definem um judeu como qualquer um que se identifique com a história e a cultura do povo judeu. Removem completamente a linguagem teísta de sua liturgia.

As quase oitenta congregações humanistas na América do Norte celebram os feriados judaicos, as cerimônias de Bar e Bat Mitzvá e outras tradições judaicas, embora atribuam interpretações não religiosas para tudo. Tais judeus tendem a se envolver bastante em ações sociais, e provavelmente não é coincidência que foi uma mulher a primeira rabina humanista ordenada.

Adivinha Quem É Judeu Também?!

Muitos judeus adoram descobrir quem é judeu também, especialmente os famosos (ou infames) e — o melhor de tudo — as pessoas que você nunca imaginaria que o fossem. Veja a seguir uma lista com algumas celebridades menos conhecidas e suas realizações, que você pode usar para testar seus amigos e familiares:

- » Louis Brandeis tornou-se ministro da Suprema Corte dos EUA em 1916.
- » Levi Strauss popularizou o jeans; Ralph Lauren (nascido Ralph Lifshitz), Calvin Klein, Donna Karan e Isaac Mizrahi mudaram a forma como nos vestimos.
- » Joe Siegel e Jerry Shuster inventaram o Super-Homem; Stan Lee inventou o Homem Aranha e, com Jack Kirby, inventou o Hulk e os X-Men; Bob Kane inventou o Batman, e William Gaines fundou a *Revista Mad*.
- » Os músicos Paula Abdul, Neil Diamond, Bob Dylan (nascido Robert Zimmerman), George Gershwin, Mickey Hart (baterista do Grateful Dead), Billy Joel, Carole King, Geddy Lee (vocalista do Rush), Barry Manilow

(nascido Barry Pincus), Bette Midler, David Lee Roth (do Van Halen), Neil Sedaka, Gene Simmons (baixista do Kiss, nascido Chaim Witz), Amy Winehouse, Paul Simon e Art Garfunkel.

- » Os gângsteres Meyer Lansky e Bugsy Siegel, e o assassino de Lee Harvey Oswald, Jack Ruby.
- » Os autores Al Franken, Franz Kafka, Harold Pinter, Ayn Rand (nascida Alissa Rosenbaum), Harold Robbins e Marianne Williamson (chamada por alguns de a “sacerdotisa” da espiritualidade da Nova Era).
- » Mark Zuckerberg (fundador do Facebook), Larry Ellison (fundador } da Oracle), Sergey Brin (fundador do Google) e Steve Ballmer (ex-CEO da Microsoft).
- » Herb Lubalin criou muitas das fontes tipográficas que usamos hoje; o arquiteto Frank Gehry (costumava ser Goldberg) projetou muitos dos prédios mais singulares do mundo.
- » Os artistas Sarah Jessica Parker, Natalie Portman, Alyson Hannigan, Winona Ryder, Gwyneth Paltrow, Scarlett Johansson, William Shatner, de *Star Trek* (Captão Kirk), Leonard Nimoy (Spock) e Walter Koenig (Chekov), assim como Rod Serling, de *No Limite da Realidade*, e Goldie Hawn, John Garfield, Tony Curtis (nascido Bernie Shwartz) e Kirk Douglas (nascido Issur Danielovitch).
- » O famoso mímico Marcel Marceau, o ilusionista Harry Houdini (nascido Erich Weiss), o comunista Leon Trótski e o cosmologista Carl Sagan.